



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Serviço, Administração e Propriedade: Casa do Galato de Porto—Paço de Sousa
Vales d. Correla para Cete—Preço 1000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros N. Santa Catarina, 828-Porto
Visado pela Comissão de Censura

RESPONDENDO

A GORA, com mais tempo e mais espaço, quero responder àquele visitante que, como aqui já foi dito, me perguntou se eu estava satisfeito com a percentagem dos rapazes que se aproveitam. Esta pergunta é filha duma aflicção inteligente. Aquêlê visitante sabe; vê o problema da creança abandonada. Compreende que na rua todas se perdem e por isso me pergunta quantos se salvam aqui. Gostei que me tivesse perguntado, para ter, assim, ocasião de responder.

O nosso Lar do Porto, é que vai dar a resposta. Ali estão rapazes que foram da rua, fizeram seu noviciado nas nossas quintas e de novo regressaram à cidade. Eles são a prova rial. Como tem eles respondido? Vejamos. Estamos no terceiro ano de vida. Começou o Lar com uma comunidade de cinco. Nesta data são vinte e oito. Registam-se quatro casos de infidelidade. Quatro rapazes que tiveram de ser retirados dos seus empregos. Causa? Pequenos furtos para comprar nas lojas coisas de lamber. De onde se vê que a delinquência destas idades é, em regra, uma função do ambiente social. E tanto assim, que um dos delinquentes, o maior de todos, é hoje aqui em Paço de Sousa um empregado da direcção de «O Gaiato» com provas de devoção ao seu trabalho. Como êste, todos os mais foram retirados das suas ocupações, no Porto, e tomaram outras nas nossas casas.

Não se perderam. Estão recuperados. Uma nota simpática, que muito gosto de publicar, uma vez que estou a responder, é a forma como nós procedemos com o delinquente. A coisa descobre-se. O rapaz é chamado a contas. Dizemos-lhe uma palavra amarga e amiga. Comunica-se-lhe a transferencia para uma das nossas casas, por castigo, se e quando tal se delibera. Dá-se-lhe dinheiro para o comboio, e êle parte sózinho. Dois foram assim, para as casas de Coimbra e de Miranda. Rapazes na idade dos dezasseis. Poderiam ter tomado outro caminho; fugido da mãe; procurado sítios e companheiros doutroa. Um deles era, até, de Coimbra. Poderiam, sim. Mas não o fizeram. Este tal está no Lar daquela cidade. É um dos rapazes do Padre Américo. E pode estar no Lar dos Pupilos dos Reformatórios? Aquela casa não se destina sómente aos Rapazes que saem dos Reformatórios, sem familia? Destina sim senhor. Mas é que êste gaiato, tinha processo a correr na Tutoria, quando veio para a Casa do Gaiato. Processo, — e que processo! Por isso, está em sua casa. Tem titulo. Não faltó a promessa que um dia fiz na Arcada, de que sómente daria agasalho no Lar de Coimbra, a rapazes dos Serviços Jurisdicionais de Menores. Não se fez escritura. Deu-se a palavra. Deí a minha palavra e acabou.

Os jornais traziam há dias o retrato de varios homens a carregar um avião, na América, com caixas e dentro destas, os tratados que iam prás Conferências dos tais grandes. Os mesmos jornais também diziam, em outra ocasião, que depois de quarenta e cinco dias gastos a conferenciar e a tratar, nada se fez. Nada se fez e nada se faz. É a confusão necessária. Esteja quem estiver. Seja aonde fôr. Fale quem falar. Não importa. Sim ou não chega. Isto basta. Tudo quanto fôr a mais, é inutil e pode ser, até, malicioso. Mas continuemos.

Os nossos delinquentes, não são cortados da obra. Mudam-se para outras actividades, dentro dela. Dum, sabemos que se encontra em Coimbra. É metalurgico. Outro, está em Miranda. É mecanico. Outro, é o cozinheiro do Lar do Porto. Um outro, esteve dois meses aqui em Paço de Sousa a dar serventia, e de novo regressou a um emprego, no Porto. Vamos a vêr.

Mas quero dizer mais. Quero dizer tudo, visto estar a responder. A compreensão dos Senhores que empregam estes nossos rapazes, é simplesmente maravilhosa. Eles, todos eles, são verdadeiros amigos e cooperadores sinceros nos trabalhos da sua redenção. São eles quem dão a noticia do faltoso e aceitam outro rapaz na sua vez! Quanto isto não é de agradecer! Como isto encoraja e anima a gente! Vale a pena trabalhar assim, quando nos retiram as pedras do caminho!

Seja de muita gratidão a derradeira palavra de hoje.

De como eu fui por aí abaixo de penar OS SENHORES DE COIMBRA

Foi no dia 26 de Abril. No dia seguinte, domingo, estava combinado que eu subisse aos pulpitos de Santa Cruz, da Sé Nova e de S. Bartolomeu, e assim foi. Subi. Levei comigo trez pedintes dos do Lar do Porto, afeitos àquelas lides. Estes trez, juntamente com o Padre Adriano, procediam à recolha das migalhas, enquanto eu seguia de um pulpito para o outro, e assim haver tempo de pedir quatro vezes nas missas daquele dia. Tudo muito bem organizado. Deve ter andado por uns oito contos, a receita total. O Padre Adriano é que sabe. São contas do rosário dêle. Nós seguimos imediatamente para a cidade do Porto, aonde chegamos à tardinha. Tínhamos ido por Agueda, aonde nos ofereceram uma lauta merenda.

Era o Amandio, o Avósinha e o Piolho. Como, no regresso, tivéssemos seguido outro caminho, os rapazes não cessavam de me perguntar se Agueda ainda ficava muito longe...! A passagem por Cantanhede, por Mira, pelas Gafanhas, por Aveiro, ouvia-se entre eles um ancioso: *E' aqui!* Não era. Não foi. Não houve Agueda no regresso! Tudo muito lindo, sim. Como Agueda, — nada! O mundo vive pra comer!

O Piolho é de Coimbra. Os outros dois, do Porto. Piolho, a caminho, fala da sua cidade natal, prepara os visitantes, diz dos seus monumentos, da Universidade, do Mondego. Mas quê? Entramos pela estação velha... Casebres. Barracões. Lá se foi todo o latim do Piolho! Uma vez dentro da cidade, ainda o rapaz tentou refazer-se, mas foi prejudicado pelas obras da cidade universitária. *Aquilo é tudo uma charanga*, eis a conclusão do Amandio. Chego a Paço de Sousa, depois de ter pernoitado no Lar do Porto, aonde deixei os mendigos das igrejas de Coimbra. Ontem,

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Não esquecer

...que no próximo dia 25 joga um grupo da Mocidade com um dito de Gaiatos, no campo da Constituição.

O Amandio, ao saber a noticia, veio ter comigo a esfregar as mãos e recomendou: *Olhe que o senhor padre Américo não faça banzé que a gente pode perder!* Ora eu cuido que não é nada fazer banzé, dar aqui o aviso. Banzé fêz êle o ano passado, ao saber que ganhamos!

NÃO ESQUECER

OUTRA VEZ

... que na vespera de Santo António vai ser o bom e o bonito no Coliseu. Ou ali não fôsse o documentário da Casa do Gaiato! Eu já o vi passar, levou 30 minutos: Um instante. Mas levou 7 dias a fazer. Foi aqui uma republica!

Vem a tropa de Miranda. Vem a tropa de Coimbra. Vai tropa de Paço de Sousa. A do Porto, já lá está.

De Paço de Sousa, é um mar! Só ficam os mais pequenitos. Contamos ir de camionete. Camionetes. A população da cidade vai ver rapazes que foram da rua, na rua.

Vai vê-los ós bandos, tais quais dantes, só que um nadinha mais apumados.

A noite, no palco, não representam. Apresentam-se. Eu também vou. Eu estou na fita. Ao que eu cheguei:

Estrela!

UM VISITANTE

Esteve em a nossa aldela o Senhor Ministro das Obras Publicas, mais cinco senhores. Vinha do Norte, por onde andara uns trez dias, farto de ver e de ouvir; por isso mesmo demorou muito pouquinho. Impressões? Não sei. Ele foi cruelmente silencioso.

Disse-me para ir a Lisboa falar com El e eu cá vou. Vou muito breve. É preciso erguer quanto antes a Casa do Gaiato de Lisboa. É preciso um tome lá, generoso e audacioso, que a obra assim o pede. Ora vamos a vêr. Do que se passar darei conta aos leitores.

NOTA DA QUINZENA

Estava eu hoje na varanda aonde se encontra a sineta, quando vejo o Acácio da Guiné aproximar-se e tocar. Eram precisamente treze horas e meia.

- Pra que tocas?
- Pró trabalho.
- Quem mandou?
- Foi o Poeta.

O Poeta é o Fernando de Numão. É o chefe eleito da comunidade. O Fernando está doente. Está em uma enfermaria do hospital e de lá, assim doente, dá as suas ordens. Os chefes das varias secções dos nossos serviços, vão ao pé dele, todas as noites, ao deitar, receber instruções para o dia seguinte. Podiam ir a qualquer um dos professores. Eles são trez. Podiam ir às senhoras. Elas são quatro. Podiam ir, ainda, ao senhor Padre Fatela. Podiam, também, vir a mim, que me préso de prestar para alguma coisa. Pois não. Não vão a ninguém. Vão ao seu chefe. Ao chefe que eles escolheram. Vão humildemente, com muita satisfação. Estão em sua casa. O Chefe, por sua vez, não abdica da sua responsabilidade. A doença não é mortal. Pensa nos trabalhos e nas horas da aldeia.

Oh Acácio, vai tocar prós trabalhos. E o Acácio vai tocar prós trabalhos. E todos deixam imediatamente o recreio e vão trabalhar. Estamos diante de um facto assombroso. Uma comunidade de ex-transviados na mais alegre e fiel obediencia ao seu superior, — um transviado, também! Um superior que fez dezasseis anos em Setembro do ano passado. Mas há ainda algo mais assombroso. Este rapaz não é o mais velho na idade nem na casa. Há outros que são uma coisa e outra. Rapazes irrepreensíveis nos seus trabalhos e seu comportamento. Pois não importa. Também estes vão buscar instruções ao pé da cama do doente, e obedecem. Eu queria chamar-lhes os verdadeiramente grandes, mas este adjectivo anda agora tão baratinho, que prefiro dar-lhes simplesmente o nome de rapazes admiráveis.

De como eu fui por aí abaixo de penar

os senhores de Coimbra

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

tinha sido domingo. E' o dia em que eu mais gosto de estar e é justamente o dia em que nunca estou em casa. Tenho de ir. Tenho de procurar o pão! Não me queixo. Ninguém me deve coisa nenhuma. Ando a pregar um sermão por minha conta e risco. Dou-me por feliz em ter alguns ouvintes. Pois bem. Estou em Paço de Sousa. Antes da minha saída e para dar um bocadinho de ordem à questão de visitantes e cicerones, nomei uma comissão com o encargo de regularizar. Foi em tribunal. Cada um dos comissionados ficou com o seu livro, aonde havia de assentar o nome e as quantias que os cicerones por ventura entregassem. E aproveitei a ocasião, uma vez em tribunal, de falar acerca da fidelidade nas coisas pequenas e que nenhum podia nunca fazer seu, os dinheiros entregues para a casa.

Isto disse, e com esta me fui para Coimbra. A' chegada, tive muito que vêr e ouvir. A primeira, foi que o *Batata Nova* aceitou e guardou dois tostões. A segunda, foi a discrepancia entre os da comissão! No intuito de mostrar bons serviços entregando cada um mais dinheiro, que fazem eles? Ameaçam os cicerones: *olha que tu dás a mim o dinheiro*. Mais e pior. Ao fazerem entrega das ofertas, e como uns entregassem mais do que outros, dão em acusar-se mutuamente, da violencia que tinham feito, aos pequeninos cicerones! De sorte que, se antes o soneto estava errado, agora, com a emenda da comissão, ficou pior.

Teremos, por isso, de voltar à primeira forma: os cicerones que entreguem os dinheiros às senhoras e estas que entreguem à gente. Pronto.

P. S.—Saiba-se que o peditório em Coimbra, passou de oito contos.

Este numero do "Gaiato" foi visado pela Comissão de Censura do Porto



Outra fotografia da Casa de Miranda. Fôra esta obrigação tirada em Paço de Sousa, e veriamos nela o Sapo. O Sapo é o das capoeiras. Aqui, é o Zé Briu, de Coimbra. Assim como as ovelhas, também precisamos de galinhas para completar a educação dos rapazes. Em nossas Casas, a Mestre é a vida.

VENDA DO 83

Foi no sábado e domingo. De Paço de Sousa fizeram venda o Abel, o Pastelão, o Zé da Cozinha e o Planeta. Do Lar do Porto, os do costume. Amadeu, despachou 251 numeros. Logo abaixo foi o Pastelão, com 220. Todos, de uma maneira geral, continuam a segurar as suas posições. O dia rendeu 3.994.20. Quinze assinantes antigos, confiaram-lhes o dinheiro das assinaturas. Alguns senhores inscreveram-se de novo. Quisera que muitos o fizessem. Nada mais airoso para ajudar a obra! E' costume do chefe do Lar, no sábado de venda, ao meio da tarde, juntar os rapazes na Baixa e dar-lhes merenda. Como eu estivesse no sábado ultimo, fui também. Quiz vêr como é. Foi na Praça. Dantes era a Nova. Agora, não sei como se chama.

E' a praça. Foi na Praça. O chefe e eu estacionamos. Daí a nada, aí vêm os vendedores: Zé Sá, Amandio, Amadeu, Rui, outros, outros, outros. Aonde havemos de ir, onde não haviamos de ir, — fomos ó Imperial. A' sacristia do Imperial.

Estava tudo cheio, mas uma roda de senhores, à nossa vista, desocupou a meza e a gente sentou-se. Que havemos de tomar, que não havemos de tomar, — foi café com leite servido em copos e torradas. Já há torradas outra vez!

—Conta?

—Está tudo pago! Além deste está tudo pago proferido pelo servente, muitos senhores levantavam-se dos seus lugares vinham aonde a mim, e davam-me notas. E' para pagar! De sorte que tinhamos entrado no Café para sermos tosquados, como acontece a toda a gente que lá vai, e saímos mas foi cheinhos de lá!

Vamos a vêr este numero. O 84. Espera-se que, além do jornal, vendam, também, bilhetes pró futebol. Aquilo é que há-de ser! O Oscar já me disse que é uma certeza! O Amandio, esse, tem medo. Eu cá, sem vêr, não digo nada.

Notícias da Casa de Miranda

POR JOSÉ PINHO DE CARVALHO

Até agora quem tom feito estas notícias têm sido sempre os Carlos. Primeiro foi o João Carlos Freitas que foi para o Seminário da Figueira da Foz. Depois o Carlos Alberto Fontes que foi para Lisboa. A seguir o Carlos Veloso da Rocha que foi para o Porto; depois o Carlos Alberto Freitas que ainda cá está. Era ele quem as devia de fazer mas como ch-ga da officina de sarralheiro muito cansado já não é capaz de fazer nada. Ainda ontem ao chegar da officina adormeceu de tal maneira que por mais que lhe dissessem que tinha cá uma carta da mãe não perceberam do que lhe disseram. Eu sou o José Pinho de Carvalho, de Santo António dos Olivais, e estou cá há cinco anos chamam-me Zé Briu; o rádio é que está ao pé de mim a ajudar-me.

Aqui há tempos foi o pião com os outros miuditos ós caracois para os patos como costumam. Mas em vez de irem para os campos lembraram-se de ir para o pé dum pogo. O pião subiu para cima do muro a ver se ali havia caracois depois agarrou-se à zora mas ela

MIRANTE DE COIMBRA

Daqui à porta férrea é um passo. Ao meio dia menos um minuto, o nosso universitário transpõe a soleira do Lar, de capa negra aos ombros, sebenta debaixo do braço. Quando, na torre, o relógio dá a primeira badalada, já ele está nos Estudos Gerais a fazer vénia ao respeitável cate-drático.

Mais uma hora e de novo entra em casa. Sentamo-nos à mesa para o almoço. Na aula não houve azar. — «Sou bestial, discuti com o professor; a malta cá fora deu-me os parabens.»

Termina a refeição. Vejo-o a preparar-se para sair. Leva nas mãos caixinhas de injeccões.

—Que é isso? Anda doente?

—Não! Isto é para os meus pobres que vou visitar. Herlander é vicentino.

O rádio chega de Coimbra, da venda do Gaiato. Estamos agora em Miranda. São nove horas da noite. Era a hora da Conferência. Os outros já tinham jantado. O Joa-ninha põe-lhe a sopa na mesa a fumegar. Rádio deixa a sopa a arrefecer e vai para a Conferência.

—Olha a tua sopa.

—Ela que espere. Em Coimbra, o Sr. Alberto tra-tou-me bem.

Discutem-se as necessidades dos Pobres. Encontram um deles a rolar no pavimento da sua casa térrea, gritando com dores de estômago, consequência de opera-ções e de fome. Outros viram-no a britar pedra na estrada, dobrado sobre a marreta, já sem forças para continuar, noutra ocasião viram-no à frente dos bois a cambalar. Ganha como moço porque não tem forças para segurar a charrua. A' mulher vem esperar a esmola a meio do cami-nho, etc.

—Temos de levar-lhe esmola todos os dias, sugere um deles?

—Que esmola?

—Um litro de leite.

—E as contas?

—Deus dará. «Quando eu voltar a Coimbra, decide o

rádio, hei-de pedir aos meus fregueses que se façam sub-critores da Conferência.» Por sua vez o Camilo, que andou toda a manhã à procura de casa decente para o mesmo pobre, declara, triste, que não encontrou nenhuma.

Encerrou-se o debate. Vem à mesa uma nota do Con-selho Central. —Que a vossa Conferência é a única que não apresenta contas, que é melhor dar-lhe outro nome, que não figura no relatório anual, que não tem espirito vicentino».

Foi um balde d'água fria. Mas mais fria estava a sopa do rádio e ele engoliu-a.

Muitos daqueles que nos querem bem e temem pelo futuro da Obra da Rua, chegam até nós com conselhos amigos e sugestões de toda a espécie:

—Criem uma Ordem Religiosa.

—Uma Congregação só vossa.

—Fundem um Seminário.

—Chamem as freiras, os Salesianos, os Irmãos das Escolas Cristãs, etc., etc.

Nós já aqui dissemos — e não faltou quem afirmasse ser inspiração do Alto — que o espirito revolucionário que orienta a Obra não podia enquadrar-se nas normas rígidas do Código, nem nas regras imutáveis das fundações dos séculos passado. Por outro lado, Roma não podia aprovar uma organização nova, fora da letra da lei escrita.

Enganamo-nos neste pontc. A Igreja não é nenhum fossil. Se a verdade é imutável, não o é a disciplina eclesiástica. O ultimo diploma sobre os Institutos Seculares, veio derrubar a barreira. Podemos avançar. Dei graças a Deus porque o Espirito continua a vivificar a Igreja.

O caminho estava já a ser forçado em varias frentes. A «Missão de Paris» deu um golpe profundo no direito paroquial; o *santo de sobrecaasaca* e a pequena camponesa agora elevados aos altares, confirmam a possibilidade das virtudes monásticas quer na cathedra quer no tugurio. Novos institutos seculares florescem por toda a parte. Coimbra conhece já a simpática frente dos universitários de colarinho engomado, peito às balas, alma em fogo, ma-çonaria branca. Queremos mais. Queremos monges de ganga nas fábricas, senhoras de chaile e lenço em vez dos inestéticos hábitos antigos em todas as actividades femi-ninas.

A Obra da Rua quer estar na primeira linha com a Igreja viva, actual, eterna.

Ela é tão grande que não pode andar por mãos mer-cenárias, muito menos funcionárias.

Estão a surgir do mundo dos valores escondidos, vocações inspiradas, providencialmente tardias. Há muito que esperavamos que a Providência as trouxesse. Chegou a hora?

desandou e ele caiu ao pogo. Mas tanto barafustou com as mãos que veio ao cimo e agarrou-se à parede. O sardinha que andava com ele aos caracois veio a correr a casa contar o que se tinha passado. Chegou cá tão cansado que nem era capaz de falar só açanava com a cabeça.

Tinha os pés cheios de criadelaz, mas não se lem-brava delas, correu tanto que trazia os pés cheios de sangue. Nós viemos todos a correr mas não havia nenhum que fosse capaz de se atirar à água. Depois veio o Camilo que trouxe uma corda. Quando lá chegou já lá estava um homem com uma escada, mas como a escada era pequena atámos a corda à escada e segurá-mo-la. Quando chegamos ao pé do pogo o pião dizia lá de baixo: *ó Cumilinho anda depressa que eu morro afogado*. O Camilo desceu pela escada abaixo e ti-rou-o. Depois de cá estar fora disse que bebeu tanta água que nem sabia aonde estava. Nós demos vivas ao sardinha e o Sr. Padre Adriano deu-lhe um prémio.

Os pedreiros andam a deitar mais paredes abaixo para continuar as obras. Agora foi a escola que se destruiu. A escola passou para junto do moinho. Está muito bonita mas nós não cabemos lá todos. Nunca mais temos uma escola em termos.

ASSINATURAS PAGAS

Os trez da administração do jornal são o Alfredo do Porto, o António de Cête e o Avelino de Coimbra. Eles teem seu escritório, aonde trabalham de manhã à noite, com zelo e devoção. Onde eles falham um bocadinho, é quando vão pela correspondência, que nos é remetida para duas estações, em virtude da ignorância invencível dos endereços. Uns, Paço de Sousa. Outros, Cête. E lá vão eles às duas estações, todos os dias. Ora aqui é que eles falham. Levam a bola. Levam o arco. Levam os olhos. Levam os catorze anos, e eis tudo. Isto basta, para que não cumpram como se desejaria. Cumprem como podem. De que é que se haviam de lembrar os trez da administração? Foram os ficheiros, desataram a fazer uma lista com nomes dos atrasados e vieram agora aqui trazê-la. O Cête, tomou a palavra: *Que assim não pode ser. Que ralhe eu no jornal, ó senhores. Que são para cima de trezentos os dados como assinantes certos e ainda não pagaram o primeiro ano. E que são para cima de mil e novecentos os dados por prováveis, que também recebem e não pagam.*

—Oh rapaz, isso é engano.
—Qual engano. Está aqui. Olhe.
E mostra a lista. Nomes e nomes e nomes.
A' vista de tamanha calamidade, vieram ao meu espírito mil e uma resoluções; tanto mais que os rapazes estavam e continuavam a vociferar: *Ande lá. Ralhe. Ralhe ó senhores. Mas não Decidi deixar correr. Quem sabe se muitos deles já não pagaram e a nossa organização não deu conta—quem sabe?! Vamos deixar crescer o Cete e o Alfredo e Avelino. Quando eles forem pelo correio sem a bola e sem o arco, tomarão por si mesmos as resoluções que eu agora não sei tomar. Contudo, muito gostaria que os atrasados conscientes se explicassem ou devolvessem. Isso sim, gostaria.*

Dr. António Vieira e Brito, Fafe, 100\$; Francisco David Faria Ferreira da Silva, Porto, 100\$; Maria Luísa Nogueira, Lisboa, 2 anos, 50\$; Menina Leonil Ferreira Antunes, Lisboa, 1 mês, 20\$; Engenheiro Emmanuel Michez, Lisboa, 50\$; Padre Alfredo Couto, Buarcos, 50\$; Carlos Manuel Amado de Figueiredo Nunes, Coimbra, 100\$; Padre Joaquim Figueiredo Gomes dos Santos, Seminário Conciliar de Braga, 3 anos, 100\$; Hipólito Soares Merino, Porto, 40\$; Dr. Alexandre Rezende, Porto, 50\$; Adolfo Bártolo, Mogadouro, 50\$; António Pereira, Lamego, 40\$.

Jaime Carvalho Pires (1 número), Nampula-Mocambique, 3\$50; José Joya de Noronha, Caldas da Rainha, 50\$; Antulindo Dias Garcia, Vila Nova do Ceira, 20\$; António Aranha, Quinta do Lodeiro-Régua, 50\$; João Bragança, Chaves, 50\$; Clotilde Duarte Pacheco, Lisboa, 20\$; Carlos Cardoso, Porto, 500\$; Joaquim Correia de Azevedo, Barcelos, 500\$; Abílio de Sá Lopes Tavares da Costa, Porto, 25\$; Maria de Mascarenhas Calheiros Madeira, Aldeia de Vilar-Campo de Besteiros, 20\$; Dr. Artur de Moraes Carvalho, Lisboa, 200\$; Guarnição do Navio Hidrográfico «Mandovi», Lisboa, 50\$; 1.º Tenente Jaime Azevedo Monteiro de Barros, Lisboa, 25\$; 1.º Tenente Manuel Lopes de Mendonça, Estoril, 25\$; 1.º Tenente José Emílio Santos Pinto Pereira, Lisboa, 25\$; 2.º Tenente Sabino dos Santos Silveira da Cunha, Lisboa, 25\$; Reinaldo Inácio Coimbra Leite, S. João da Madeira-Casaldelo, 20\$; Luciano Costa Simões, Porto, 20\$; Félix António Moura, Braga, 20\$; Regente Escolar Amélia Emília Durão Prata, Sanchera Grande-O'bidos, 50\$; Dr. Pedro de Castro, Porto, 50\$; José Augusto Alves, Lisboa, 100\$; Edite Veloso Soares da Costa, Pará-Brasil, 400\$; Arminda Cruz Soares da Costa, S. João da Madeira-Casaldelo, 100\$; Emília da Costa Araújo, Porto, 25\$; José Francisco Rosmaninho, S. João da Madeira-Casaldelo, 25\$; José Augusto de Sousa, S. João da Madeira, 25\$; Jaqueline da Costa Cruz, Ilha da Madeira-Funchal, 25\$; Rosa Rodrigues, S. João da Madeira-Casaldelo, 20\$; Engrácia Braga de Matos, Lamego, 25\$; Dr. Francisco da Silva Pinto, Palmeira-Braga, 50\$; Padre Alexandre Gonçalves, Orjais, 50\$; Dr. Adriano Veiga Rodrigues, Juiz dos Tribunais do Trabalho-Leiria, 50\$; Dr. José Maria Mendes, Médico Escolar do Liceu de Angra do Heroísmo, 60\$; João Maria Tamagnini Belo, Tomar, 25\$; António Castanheira Nunes Júnior, Covilhã, 50\$; Adércio Pinto de Castro, Paredes, 20\$; Adalmiro Dias de Castro, Paredes, 30\$; Padre António Bernardino Silva, Seminário de S. Paulo-Almada, 50\$; Aurora de Moraes Frago, Macêdo de Cavaleiros, 30\$; Professora Lídia Pereira, Pereira de Avidagos-Mirandela, 20\$; Joaquim Moreira Pinto, Vila Nova de Famalção, 20\$; Lau-



Quem caminha por gosto não se cansa. Quantas e quantas longas tiradas não dão estes rapazes atrás do arco, por amor do arco! E' o Arlindo do Porto. E' o Bravo. A alcunha vem-lhe do mau génio que tem. Que tinha, aliás. Os bravos teem no amansado...

rindo Ferreira Lino, Travagem-Ermezinde, 50\$; Maria Joana Carneiro, Quinta do Deserto-Turcifal-Torres Vedras, 20\$; Maria da Conceição de Abreu Coutinho, Ponte da Barca, 20\$, Manuel Rocha, Lisboa, 20\$, Arnaldo Tavares de Castro, Oliveira do Bairro, 20\$, Instituto do Bom Pastor, Serpa-Nossa Senhora de Guadalupe, 20\$, Adélia Marta Lardoeira, Casa da Cerca-Amarante, 20\$, Alberto Ribeiro dos Santos, Tomar, 20\$, Dr. Alfredo Ary dos Santos, Lisboa, 100\$, Aurea Botelho, Vila Maria-Areosa, 25\$, Carlos Alberto Prego, Evora, 50\$, Edite Santos Silva, Lisboa, 20\$, Felícia de Andrade Cardoso, Tondela, 20\$, Filipe Requeixa, Cantanhede, 100\$, Francisco Martins dos Reis, Covilhã, 20\$, Isolete Augusta Leite, Macieira de Cambra, 30\$, José de Carvalho Matos, Porto, 25\$, José Maria Oliveira, Viseu, 50\$, Maria Amélia Soares de Sousa, Sanatório da Guarda, 20\$, Silvino Ferreira da Costa, Porto, 30\$, Solange da Mata Beirão, Colmeias-Tondela, 20\$, Maria da Conceição Soares Monteiro de Matos, Porto, 25\$, Margarida Pinto Basto e Almeida, (2 anos), 55\$, Maria Madalena Pinto Basto, 55\$, Ana Maria Jallé Moniz, 65\$; Menino Adolfo de Lima Mayer, 30\$, todos de Lisboa. Padre Alfredo Boavida Caldeira da Rocha, Belmonte, 20\$00.

Dr. Delegado João Francisco Sá, Golegã, 50\$; Sebastião dos Santos Rosa, Mira de Aire, 50\$; Dr. Asiosto da Gama Lança, Lisboa, 50\$; Maria Amélia Vieira Lopes Mexia de Almeida, Móra, 50\$; Dr.ª D. Aida Aragão, Lisboa, 150\$; Dr. António Correia Farinhate, Adélia Augusta Saraiva, Maria Saraiva de Aguiar, Maria de S. José Moura, Maria Eduarda Nozes Fernandes, Maria Celeste Chi, Maria Santana Saraiva, Alice de Jesus Saraiva Pêgo, Mário Pacheco, todos com 25\$; Maria Adriana Laura Donas Botto Aguiar, 30\$; todos de Vila Nova de Foscoa.

Camila Alves, Hernány José Ayres, 30\$; Dulcinia Adalgira Alves Marques, 30\$; Dr.ª D. Claudina Alves Dias, 40\$; Manuel da Costa Santiago, 50\$; todos do Porto.

João Gouveia, Lisboa, 50\$; Maria Doroteia Dias Coutinho, Castelo-Branco, 50\$; Menino Rui Jorge Castanheira Martins, Souto da Casa Enxarbada, 20\$; Maria Joana Soares de Cabedo, Agueda, 50\$; Maria Laura Pinto Lobo Martins, Lisboa, 50\$; José Cândido Gonçalves, Senhora da Hora, 25\$; Berta Lopes da Silva Beja 2 anos-Santarém, 50\$; António Pedro da Silveira, Bagulho, Elvas, 50\$; Maria Gabriela Couto Martins, Alcobaça, 50\$; Joaquim Rodrigues Cardoso-1 mês-Mesão Frio, 25\$; Elisa Araújo Guimarães, Quinta da Comenda-Aguas Santas-Ermezinde, 30\$; Beatriz Mendonça, Lisboa, 50\$; Ester Neves Portal e Silva, S. João da Madeira, 50\$; António de Sousa Dias, Vila Nova de Ourém, 20\$; Alice de Azevedo Prates, Montargil, 25\$; Dora Rocha de Gouveia, 30\$; Professora Ofélia Moreira Sena Martins, 100\$; Maria Carlota Frazão, 50\$; Norma Nunes Martins, 80\$; Palmira Simões, 25\$; Maria Herculana Moreira Sales, 30\$.

Do que nós necessitamos

Chegou hoje pelo correio uma carta por assinar, a responder ao apêlo da panela de alumínio. *Se ainda ninguém acudiu à chamada, diz a carta, dirija-se ao Gerente da Alumina.* Mais adiante, no corpo da carta, o senhor que a fez, teme o perigo de ter chegado tarde, pois que muito deseja contribuir para uma obra que tantas vezes me tem feito sentir o ser melhor. E no caso de ter chegado tarde, o mesmo senhor pede que por favor vá eu próprio à dita fabrica escolher o que houver necessidade, para a nossa Casa. O autor desta carta, tão discreto e cristão, que nem a mão esquerda viu a direita a escrever, o autor, digo, vem aqui declarar ao mundo o valor das obras sociais que lançam os seus fundamentos na Pobreza do Evangelho. Vivermos nós da abundancia. Tivermos receitas certas. Não fossemos da escola do pão nosso de cada dia:—Que seríamos nós no mundo? Mais uma obrasinha de tantas que existem. Nem dela se daria fé. Assim, não. E' a Pobreza que nos mostra. E' ela quem consola a alma dos leitores. E' ainda por ela que desponta a aneia do dar: *se ainda ninguém acudiu!*

Aquela Dama de seios uberrimos, nesciamente escoraçada! Felizes os que com ela se casam em comunhão de bens! Quê? Dizemos que as dificuldades não entram nos arraiais da Pobreza? Nunca!

Dificuldades de toda a ordem. Que o digam os mendigos do Senbor! Eles não deixaram nada escrito a este respeito; guardaram para si todas as amarguras dos seus triunfos. Mais roupas do Porto. Mais coisas para a Sopa do Periquito, de Lisboa. Mais 20\$00 num envelope. Mais roupas usadas de Tomar e da mesma cidade, roupas de mesa. Mais ofertas de diversos géneros, retiradas do *Espelho*.

Mais da mesma admiradora, por carta, os vinte escudos da marca. Mais retirado hoje das *Alminhas* da nossa aldeia 58\$80 Dinheiro pequenino. Tostões das *alminhas*. Aqui é Portugal! Mais por senha da C. P. roupas usadas, de Lisboa—do nos o querido Pai, Mais de S. João da Madeira 100\$00. Saibam todos quantos esta lrem, que o Amandio, no regresso de Coimbra, declarou que, de tudo quanto vira na viagem, —nada como S. João da Madeira! Mais esta carta:

Este dinheiro que lhe mando, e que andava no meu bolso, pertence aos gaiatos. Privar-me do futebol e do cinema por uma semana até se torna benéfico para os meus olhos e para os meus calos... e permite-me, sobretudo, fazer alguma coisa boa. Desejo que o Padre Américo tenha longa vida e que o seu exemplo penetre em todos os corações e que tenha um belo reflexo em cada um dos gaiatos.

BOÊMIO.

A assinatura diz Boémio. Tanto dinheiro que pertence a esta sorte de creanças e tu faz-lo teu! O dos Boemios. Que fazem as Boemias?! Leitor amigo; tu que sabes e eu que sei, cala-te tu, que eu me calarei...! Mais uma pancadaria de litros de azeite do Alto Douro. Eu cuidava que só havia azeite em Coimbra. Era lá que eu residia. Ali nasceu a Obra da Rua. Ali me davam azeite. Cuidava, sim, mas não. Também há azeite no Douro. Quantidade e qualidade. De sorte que, botamos na panela este que nos oferecem e com o azeite do racionamento remediamos muitos lares. *Comercio negro.* O Comercio negro... às avessas. Por isso mesmo é que temos azeite. Por isso mesmo, temos muito de tudo e temos sempre de tudo! Oh mundo; oh mundosinho da candonga baixa e da candonga alta,—põe aqui os teus ricos olhos!

UMA CARTA

Cincero admirador da obra, tenho procurado por todos os meios ao meu alcance, contribuir para ela, embora me não tenha salientado nunca. Compro sempre o «nosso» jornal e quando posso, dou qualquer coisa mais, prás sobras. Ipócrita seria se dissesse que o compro só para ajudar. *Eu preciso d'êlo. Ajuda-me a levar a cruz.*

Não sou ainda assinante, e talvez o não seja tão cedo, porque não posso contrair mais compromissos do que os que tenho. Só Deus sabe o estorço que faço para conseguir viver, pois tenho que ganhar para mim, minha mulher e quatro petises. Ganho apenas 30\$00 por dia. O resto tem que ser ganho por «fora», e assim tenho dias melhores e piores. Hoje foi dos bons. Graças a Deus não me esqueci do «Gaiato». Se outros bons tiver não me esquecerei.

UM COMUNISTA.

P. S.— Também não sou católico. Interessa-me a obra e não a crença do seu autor.

Esta carta desorienta, por se dizer um comunista a pessoa que a escreveu. Mais ainda desorienta, quando se chega ao P. S. Pode não ser católico, mas é com certeza um cristão, quem assim pensa e faz. Ora pelo que se afirma do comunismo, ele é uma força essencialmente anti-cristã. Sendo assim, como conciliar? Ser e não ser, não pode ser!

ISTO É A CENA DO

CHEGOU uma caixa da estação de Cete a dizer por fóra tintas. O Poeta, que a fóra levantar com a guia, colocou-a mui naturalmente na casa das tintas. Andaram os dias. Eu tinha aqui aviso de Lisboa de um senhor que resolvera fazer a assinatura de «O Gaiato» com uma data de medicamentos, como dizia a carta que me enviou, e bem assim a lista dos ditos. Ora como a encomenda tardasse e, por outro lado, não tivéssemos aviso de ninguém quanto a tintas, foi dito ao Poeta para abrir a tal caixa. Assim se fez. Era a remessa de Lisboa. Eram remédios e mais coisas. Entre essas coisas, vinha, também, uma lata de brilhantina pró cabelo. Um dos rapazes descobriu, untou o cabelo e passou palavra! Foi o rastilho. A explosão veio a seguir. Tudo acode a enfermaria: *Ponha aqui no meu cabelo. O enfermeiro é impotente para desviar a malta.*

Valeu o Periquito. A brilhantina passou para a loja d'ele. Está na posse d'ele. São contos do rosário d'ele. Espera-se que ele mantenha a ordem.

CHEGOU a cadeira do Periquito. O Sérgio e ele, foram levanta-la à estação. Levaram o carro e os nossos bois novos. Uns bois amarelos, que se foram comprar à feira dos Carvalhos por dezassete contos, mas eles valem muito mais, pela sua mansidão.

O Sérgio vinha sentado na cadeira, em cima do carro, a tanger e Periquito à sóga, a chamar. Pelo caminho, houve o natural espanto: *quem tem uma cadeira assim?! Aqui em casa, houve espanto e algazarra. Periquito tinha antes sofrido um grande desapontamento por questões de cadeiras. Fóra o caso que dias antes, aparecerá cá em casa uma cadeira muitíssimo aparatosa. Como se falasse todos os dias na cadeira do Periquito, tomou-se como sendo d'ele. Tudo soube do acontecimento e quiz vê-lo. Que linda! Periquito não tinha palavras; era o gesto e os olhos — *A minha cadeira!* Pois não era nada a cadeira d'ele. Era a do dentista!*

HOJE, pelas 9 horas, fui à loja de barbeiro estriar a cadeira. Periquito teve muito gosto nisso. Esmerou-se e no fim exclamou, contente: *Hoje sim. Hoje não lhe fiz nem uma pintinha de sangue!*

A loja do Periquito está nua. Para remediar, veio ele, com licença minha, buscar uma mesa que tínhamos na casa mãe. Também lhe disse que os carpinteiros podiam fazer um armário para as suas ferramentas e alguns bancos para como dos fregueses. Por ferramentas, devo comunicar que se recebeu aqui uma data de coisas, vindas de Lisboa, das quais Periquito tomou conta. Tudo isto é alguma coisa, sim. Mas não é tudo nem é o principal. Enquanto não tivermos uma banquetta a condizer com a cadeira, podemos sempre afirmar que a loja do Periquito está nua. Ora bem sabemos que o Senhor que ofereceu a cadeira, não tem obrigação de oferecer o mais. Ele nem tinha obrigação nenhuma de oferecer a cadeira. Ninguém nos deve nada. Aqui é que está a verdade. Mas... a banquetta! Uma banquettasinha que não fique mal no conjunto. O espelho. Sobretudo o espelho! E agora que temos uma grande lata de brilhantina! Vamos a vê-lo quem é o primeiro que fala!

ANDAMOS agora todos ocupados com a sementeira das batatas. O ano passado tivemos muito pouca sorte. Apodreceram. Já há muito que não comemos batatas e os rapazes morrem por elas! Em dia de batatas cozidas, costuma ser aqui uma feira. Largam alguns as suas respectivas obrigações meia hora mais cedo, para botar a mão. E na cozinha. Tacho no chão e rapazes à roda, a tirar a casca. Há sempre um fachina a vigiar. Não é por mal. São batatas! Ora se nós tivermos mais

sorte neste do que no ano anterior, não hão-de faltar feiras porquanto a sementeira é grande.

MORREU outra galinha de desastre. Era amarela. Foi assim. Estavam 3 delas na cozinha, cada uma em seu cesto e todas com pintinhos. Nisto, não se sabe porquê, entraram a engadilhar e uma delas sucumbiu, de tantas picadas. Galinhas chocas! Eu fui chamado, já se vê. Eu sou sempre chamado para as coisas desta natureza, às quais os nossos rapazes dão a máxima importância. Quando cheguei ao local do desastre, já a galinha estava morta. Havia uma voz de muita consternação. Era o *Chegadinho*. Enquanto os outros desafiavam a tragédia, o *Chegadinho* só tinha uma palavra, que parecia traduzir uma grande dor: *Era Mãe. Tinha filhinhos!*

O Periquito foi hoje visto a fritar três ovos na cozinha. Eu cá achei abuso e quiz saber. Perguntei quem é que lhe tinha dado licença de mexer nos ovos. *São da minha Garnizé*, disse ele, e continuou. O castigo que lhe foi imposto de trabalhar na copa, à noite, ainda lhe não foi

retirado e já dura há muito tempo. Daí estas familiaridades na cozinha. Sempre que temos cá algum hospede de circunstância, Periquito aproveita a ocasião de meter cunha, a ver se sai da copa. Na semana passada, tomou coragem e veio pessoalmente ter comigo: *Ande lá. Tire-me da copa que já lá estou há mais de seis meses.* Mas as coisas não estão bem encaminhadas. Periquito não é seguro. Ainda hoje de manhã, à hora das papas, o Norberto gritava no refeitório. O Norberto é dos pequeninos. Fui vê-lo. *Foi o Periquito que me bateu.* Ora eu tomei isto à conta de uma falhinha de carácter. Porque não bate ele nos grandes? Eu quero que o Periquito me diga aqui, se a força é para abater ou para levantar os fracos! Não sai da copa. Há-de estar na copa enquanto se não apumar.

A coisa mais terna que temos actualmente na aldeia, é o refeitório dos pequeninos. Das batatas. E' no sítio aonde estava a enfermaria. Tem duas janelas a dizer pró céu. Duas mesas amplas com seus bancos. Uma terceira, faz de aparador. Há uma ceia de Emauz suspensa da parede, tudo coisas oferecidas. Nós somos pobres e amamos a Pobreza. Foi pelos discípulos de Emauz que se soube a grata notícia de que o nosso coração arde quando Jesus nos fala. Jesus ressuscitado. Antes, falara Ele vezes sem conta a estes e a outros discípulos, sem que O houvessem compreendido. Agora, precisamente *naquele dia grande*, tanto bastou falar para que o coração deles ardesse! Dito deles, dito de nós. Continuemos. A sala de jantar dos miúdos, é um amor. Sobre as mesas e também sobre o aparador, há vasos de flores. Vai por elas o *Figados*. O *Figados* é o chefe do refeitório. E' ele quem preside e mantém a ordem. O *Figados* é também o servo. Ele procede às limpezas, dispõe as coisas, serve os pratos, vai às flores. A principal missão dos verdadeiros chefes, é servir os seus subditos. Descer. Debruchar-se. Sentir. Amar. Quem assim fizer em lugares de supremo comando, será verdadeiramente supremo. Jamais se rebaixa, por muito que se humilhe. Mas continuemos outra vez. E' o *Figados* que vai às flores. Outros, vão também às flores, para as suas obrigações. Os nossos dias são todos de grinaldas. Flores a-

lher flores! Noutro dia, houve aqui um grande perigo, por causa das flores. Foi o caso que as obrigações deles, em todas as casas, apareceram cheias de flores das hortas. Flores das couves. Na casa um. Na casa dois. Na casa três. Na cozinha. Nos refeitórios. Quartos. Enfermarias. Casa-mãe. Capela. Em cada lugar, sua horta! E a semente?! Nessa noite houve tribunal. Perguntou-se se eles gostavam de caldo de couves. Que sim. Todos gostavam muito de caldo de couves. Mais do que qualquer outro? Outra vez que sim. Mais do que qualquer outro. Uma vez colhida esta informação e tendo-se-lhes, também explicado que a semente sai da flor, e que, cortada esta, não há caldo de couves, o resto foi muito fácil. Nunca mais colherem flores das couves. Continuemos ainda mais outra vez. Estamos de novo no refeitório das Batatas. E' o meu refugio. Quando me parece que vou sucumbir, entro na hora em que eles estão à meza, cada um com sua colher. A colher que o mundo lhes recusou! Levo comigo rebuçados. Ali é tudo verdade. A luz. As flores. O caldo. Eles. Eu Não sabem do Pai. Não sabem da Mãe. Outra verdade! Os dois de

Emauz à roda do Mestre ressuscitado. O coração em chamas — oh! verdade das verdades!

Mundo perdido; mundo enganador; quando vieres à nossa aldeia, pergunta pelo *Figados* e visita o refeitório dos nossos mais pequeninos. Não sabem do Pai. Não sabem da Mãe.

O Pernas foi hoje novamente à mãe, levar um pequeno donativo que para ela me entregaram, em virtude do que se dizia no ultimo numero do *Famoso*. A Mãe do *Pernas*, também teve conhecimento da notícia, por um postal que escreveu ao filho: *O Gaiato do dia 3 é que era lindo, meu filho!* Esta é igualmente a opinião de quem lhe comprou e leu o jornal e também fez a carta. Sim, porque não é de crer que a Mãe do *Pernas* tenha dez tostões para dispensar numa gazeta, ou saiba ler o que elas trazem.

Ouvii ler, achou lindo e imediatamente comunica ao filho, sem dar fé da beleza do que disse. Lindo não é o jornal; ele é de papel, como os outros jornais. O que ela quer dizer é que a verdade é bonita. Isto mesmo disseram, por outras palavras, todos quantos me têm escrito a propósito da carta. Este santo alvoroço que comove igualmente o coração de chefes de família e de donas de casa, que duns e doutros tenho recebido notícias. Este santo alvoroço que também faz estremecer a fauna das vielas. Este alvoroço, digo é o fruto da verdade. Deus é a verdade.

HOJE foram daqui quatro dos nossos a Fátima numa camionete alugada pelo povo da freguesia, juntos com o povo da freguesia. Eram eles o *Poeta*, o *Lua*, o *Rio Tinto*, e o *Veiga*. Quatro alcunhas. Lá foram eles até à Cova da Iria.

Compraram os bilhetes com o seu dinheiro. São todos quatro trabalhadores do campo, têm a sua quinzena. Os cozinheiros prepararam o merendeiro e foilhes dito que na passagem, podiam ir ficar ao Lar de Coimbra. Nenhum deles é de maior idade, mas todos são capazes de perguntar e de pedir o que por lá lhes possa faltar. E' um acto de religião. Eles foram com espírito. Ao seu pedido espontâneo de tonarem parte no romagem, foilhes explicado como se vai a uma peregrinação a Fátima.

Os nossos foram convidados a uma partida de bola em uma terra das proximidades. A Musica veio ao seu encontro. O povo embandeirou. Era a estreia de um campo, disputa de jogadores. Começa o jogo. O árbitro, não satisfaz. Discute-se. Dez minutos passados e a bola não anda. Nisto, um dos nossos Padres, tira o cabeção vai ao campo e começa a arbitrar. Aplauso imediato e universal. *Sim, sim, senhor Abade. Arbitre, que não há-de haver injustiças.* Era este o grito do povo. No dia seguinte, foi um dos nossos ao Porto. Contou ele, no regresso, que o assunto, no comboio, fóra o jogo de ontem e um senhor abade a arbitrar.

O povo quer o Padre no seu sítio, mas o padre não quer o povo por causa da bola! A Igreja não pensa assim.

PASSOU agora mesmo um dos cozinheiros por debaixo da sacada do escritório. Ia a tanger uma galinha com muitos pintinhos atrás. Seguiu avenida abaixo e foi até junto de uma oliveira, aonde a prendeu por uma guita muito comprida. Demorou-se um pouco junto da família. Deitou água em um prato fundo.

Os pequeninos ficavam na relva e sorviam do prato. De onde estava via. E' cuidado dele. Responsabilidade sua. Ele escolheu a hora e escolheu o lugar. Nas nossas casas, tudo cresce à vontade: plantas, flores, pintinhos, rapazes — tudo.

HOJE de manhã abro a janela do meu quarto, manhãzinha, e estava debaixo dela um rapaz a fregar galinhas. Era o Alfredo. O *Fala-grossa*. Ele não tem obrigação, por ser um doente de muita responsabilidade. Chamei-o. Saquei-lhe a frega. A' noite, em tribunal, preguei os passarinhos. Vamos a vê-lo. Eles já cá estão. O cuco. A poupa. As rolas. As andorinhas. Os rouxinóis. Veem no seu tempo. Encontram tudo que precisam. O mundo alado a dar lições ó depenado!

NO regresso de Coimbra, aonde fomos pedir, passamos perto da Figueira. Ideia puxa ideia. Os nossos rapazes sabem que temos ali dois rapazes no seminário. Um dos que iam comigo, toma a palavra e quer saber se ainda falta muito até que eles se ordenem. Sim, falta muito tempo, e expliquei. Outro mostrou-se muito contente por termos rapazes no Seminário.

— Eles são gaiatos?
— Pois são. Eram da rua, como vós.
— Assim é que é bem. Padres gaiatos. Padres dos nossos. Assim hão-de ser mais amigos e ter mais pena da gente.
Eu gosto imenso de dar à estampa as palavras dos rapazes que exprimem, por vezes, ideias maravilhosas, como esta: *Sim, padres Gaiatos.* Eles querem sucessão. Eles procuram os verdadeiros sucessores: *hão-de ser mais nossos amigos.*

ONTEM houve tribunal. Como o réu era dos mais pequeninos e estes, agora, têm refeitório a parte, foi chamada a sala grande a comunidade infantil. Espectaculo novo. Não tinha havido tribunal desde a separação de mesas, por isso, os grandes deram palmas aos pequeninos. O caso pendente era muito grave. Ninhos. Um ninho de pardal. Grave, digo, não tanto pelo ninho em si, como pela necessidade de aplicar um castigo severo ao primeiro delinquente, para exemplo, e assim se fez. O réu era o *Batata Nova*.

Mandou-se colocar de pé sobre o mólho, para mais realce. Confessou. Que sim. Que tinha esborrachado os ovos todos. Perguntado sobre culplices, — que não. Ninguém. Tinha sido ele sósinho. O *Batata* respondeu, ainda, por ser pouco amigo de trabalhar, assim como, também, por ter aceitado dois tostões de uns senhores, no derradeiro domingo. O que tudo somado e comentado em tribunal; deu tres sapatadas no rabo do *Batata*. aplicados solenemente pelo chefe. Vamos a ver se a lição presta aos outros, especialmente no que toca ao capitulo-ninhos.

HOJE é o 1.º de Maio. Estava eu aqui no meu escritório, quando aparecem alguns do Lar do Porto. As casas aonde trabalham fecharam, e eles vieram por aí abaixo. Já lhes não basta o fim de semana. Qualquer outra aberta que apareça, aproveitam-na. Pois bem. Entraram. Conversamos.

— Quantos sois no Lar?
— Somos 29.

Eu gemi receios. Tantos rapazes, ontem da rua, e hoje de novena rua, comandados por um da mesma igualha! Eles escutavam, com reverencia. Nisto toma a palavra o Gari.

— Não tenha medo. Não tenha medo de nós. A gente porta-se bem. Não me tirou o medo, já se vê, aquela afirmação do rapaz. Não tirou. Deu-me um bocadinho de alento. Sei. Sinto que os rapazes me querem ajudar; mas a idade deles nem sempre o permite. Isto mesmo me revelou o chefe; o chefe que eles elegeram e hoje vive em casa, tendo-se despedido do emprego que tinha, para melhor governar. Pois o chefe disse-me, há dias: *Sabe; nós temos muito boa vontade mas às vezes não pensamos e podemos desgostá-lo.*

CHEGOU ontem o *Presidente* do Hospital Maria Pia, aonde esteve um rór de dias, em tratamento. Ninguém o conhecia, de bucha que vinha! Sim senhor. Em boa hora foi fundado no Porto um hospital para creanças. Quem dera mais obras destas! O *Presidente* é o Luiz de Celorico de Basto. Vamos tentar o *Linhas*. Pedir que nos aceitem o *Linhas*, também por uns tempos, a vê-lo. E' o Fernando de S. João da Madeira. Espera-se outro milagre.

ESTEVE aqui ontem um grupo de visitantes, aonde vinha o senhor abade de Espinho, que me perguntou porque é que eu não fui pedir à igreja dele o ano passado, e que não faltasse eu este. Sim senhor. Conto ir. Vinha, também, um casal. A senhora chorou, ao ver passar o grupo dos *Batatas*, em bicha, ocupados no transporte de lenha para a cozinha, do lenhar.

Chorou, adiantou-se e beijou na face um deles. Um, que ao chegar, esteve semanas somente a leite e água com açúcar! *Mas ele há mães que abandonam assim os filhos*, foi a exclamação da visitante.

Há sim, minha senhora. Há muito pior. Estas fazem-no por não terem pão, mas há quem o faça para não ter os trabalhos de o dar!

SÃO nove horas. E' a hora da escola. Toca a sineta e a vem o espectáculo mais caseiro da nossa obra: os rapazes a caminho das aulas. Uns pela avenida. Outros por atalhos. Grupos consoante os simpatias. Cores diversas. Vai a bola. Vai o arco. Vai o à vontade. Assim se vinca a personalidade de cada um, na liberdade de escolha.

O Constantino matou um pé dos pequeninos, sem querer, já se vê. Eles andavam a passarinhar na cozinha, ele vai e põe-lhe um pé em cima e esborrachou o. Eram onze deles. Estão quatro!